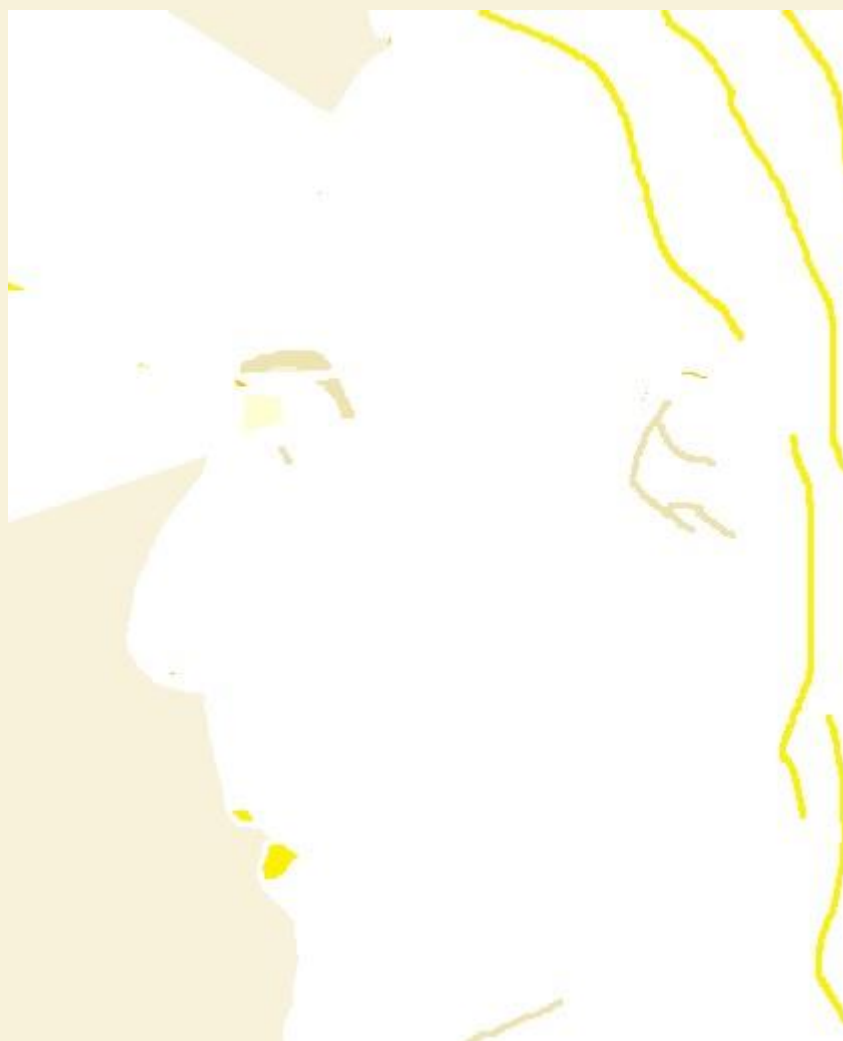


OS MISSIONÁRIOS DA LUZ E SUAS LIÇÕES



Irmandade dos Anônimos
João Cândido
(médium)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

“Quem quer ser missionário da Luz tem de fazer como Jesus: ensinar a Verdade com paciência, Amor e tolerância, na medida da compreensão dos alunos e aguardar que a assimilem, sem cobranças nem castigos.”

(anônimos)

“Enquanto o ser humano não passa de imperador a professor não é carregado por Jesus de missões realmente importantes, pois o primeiro quer satisfazer sua própria vontade enquanto que o segundo faz a Vontade de Deus.”

(anônimos)

“A lição de Jesus: ‘Pega a tua cruz e segue-Me’ vale para mestres e aprendizes.”

(anônimos)

“Para ser um missionário da Luz é necessário ter a satisfação verdadeira e espontânea em servir, o que gera a felicidade para o benfeitor e o beneficiário.”

(anônimos)

“Tudo que é realmente importante é invisível aos olhos materiais.”

(anônimos)

ÍNDICE

Esclarecimento sobre o desenho da capa

Introdução

Primeira Parte: Os professores e os aprendizes

Capítulo I – O professor

1 – Ensinar a Verdade

1.1 – Ensinar pela palavra

1.2 – Ensinar pelo exemplo

1.3 – Ensinar pela mentalização

1.4 – Jesus: o único Mestre na Terra

2 – A medida da compreensão do aprendiz

2.1 – A paciência, tolerância e perdão do professor

Capítulo II – O aprendiz

1 – Todos são aprendizes na Terra

Segunda Parte: As lições dos missionários da Luz

Capítulo I – As lições de Jesus

1-A nova ordem

1.1- Obrigações de trabalho para todos

1.2-Organização hierárquica

1.2.1– Os melhores

1.2.2– Os mais inteligentes

1.2.3– Os bons

1.2.4– Os mais ricos

1.3– As Leis Divinas

1.4 – A autofiscalização

1.5 – A desnecessidade de estrutura administrativa

Capítulo II – O ensinamento de Matilde

1 – Humildade, desapego e simplicidade

Capítulo III – As lições de Sócrates

1 – Contato permanente com o mundo espiritual

2 – Obediência aos padrões da Natureza

Capítulo IV – A lição de Francisco de Assis

1 – Amor Universal

Capítulo V – As lições de Gandhi

1 – Amor à Verdade

2 – Não violência

Capítulo VI – As lições de Chico Xavier

1-Amor a Deus

2- Auto Amor

3-Amor Universal

4 – Mediunidade com Jesus

ESCLARECIMENTO SOBRE O DESENHO DA CAPA

Trata-se do retrato de um trabalhador da Luz, que faz parte da Irmandade dos Anônimos, cujo nome não importa, porque o anonimato é um item que respeitamos sempre.

Todos os trabalhos são realizados em equipe e em seu nome, sem nenhuma intenção de qualquer membro de adquirir destaque pessoal nem também destaque para a própria equipe, todos se sentindo felizes por trabalhar para o esclarecimento das criaturas humanas da Terra, desde há muitos milênios.

Seu trabalho é centralizado no desenvolvimento do poder mental no Bem, apesar de respeitarmos quem focaliza o progresso puramente material ou intelectual.

Médiuns desapegados de qualquer destaque terreno são intermediários na elaboração de textos e outras formas de divulgação em massa, utilizando-se os recursos modernos da Internet para a propagação das ideias a nível mundial, todavia, sem outra intenção que não seja a de semear e passar adiante, deixando a colheita por conta do interesse e empenho de cada um.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é abordar dois aspectos do trabalho dos missionários da Luz: 1 – o conteúdo dos ensinamentos dos mais graduados, destacando-se Jesus como Foco de Irradiação para toda a Terra; esse Foco, para a Terra, chama-se Verdade, a que Jesus se referiu, ou, em outras palavras, as Leis de Deus, conjugando-se a teoria e a prática, ou seja, a palavra, o exemplo de vida e um dado novo para a maioria dos terráqueos, que é a mentalização e 2 – a didática empregada no trabalho de quem que se disponha a trabalhar no Bem deve consistir, para dar bons resultados, em ensinar aquilo que cada aluno está em condições de aprender, dotando-se o professor de paciência, Amor verdadeiro, tolerância e perdão pela eventual incompreensão, descaso ou agressividade do aprendiz.

Observemos estes dois requisitos como a chave de todo trabalho no Bem a título de crescimento espiritual dos aprendizes, pois, sem isso, transformar-se-á o trabalho em clientelismo, estagnação e desgaste inútil de energia.

O Universo trabalha com consumo mínimo de energia e com rendimento máximo, pois há planejamento em tudo que dá certo.

Como base inicial para a compreensão dos nossos prezados leitores nos socorreremos de duas narrativas: a primeira, que é de Humberto de Campos (irmão X), extraída do livro *“Pontos e Contos”*, e a segunda, constante do livro *“Libertação”*, de André Luiz.

CASO 1

Atentemos, não somente para o conteúdo das próprias lições memoráveis, que serão objeto de estudo mais adiante, neste livro, lições essas embutidas no diálogo entre Jesus e Malebel, mas também tenhamos olhos e compreensão para a humildade e paciência do Divino Mestre, que, ao invés de sentir-se magoado ou incomodado com a incompreensão do interlocutor e daqueles que o acompanhavam, desceu a colina

junto com eles, apesar de continuar ouvindo impropérios e críticas mordazes, e, didaticamente, preferiu aguardar o futuro, quando aqueles pupilos imaturos estariam melhor preparados para compreender a Nova Ordem, que, até hoje, não se concretizou na Terra, como se verá adiante.

Dois milênios representam um tempo muito curto para quem não está disposto a evoluir espiritualmente, mas é um tempo enorme para quem investe cada dia no Bem:

“O PROGRAMA DO SENHOR

A frente da turba faminta, Jesus multiplicou os pães e os peixes, atendendo à necessidade dos circunstantes.

O fenômeno maravilhou.

O povo jazia entre o êxtase e o júbilo intraduzíveis.

Fora aquinhado por um sinal do Céu, maior que os de Moisés e Josué.

Frêmito de admiração e assombro dominava a massa compacta.

Relacionavam-se, ali, pessoas procedentes das regiões mais diversas.

Além dos peregrinos, em grande número, que se adensavam habitualmente em torno do Senhor, buscando consolação e cura, mercadores da Idumeia, negociantes da Síria, soldados romanos e camaleiros do deserto ali se congregavam em multidão, na qual se destacavam as exclamações das mulheres e o choro das criancinhas.

O povo, convenientemente sentado na relva, recebia, com interjeições gratulatórias, o saboroso pão que resultara do milagre sublime.

Água pura em grandes bilhas era servida, após o substancioso repasto, pelas mãos robustas e felizes dos apóstolos.

E Jesus, após renovar as promessas do Reino de Deus, de semblante melancólico e sereno contemplava os seguidores, da eminência do monte.

Semelhava-se, realmente, a um príncipe, materializado, de súbito, na Terra, pela suavidade que lhe transparecia da fronte excelsa, tocada pelo vento que soprava, de leve...

Expressões de júbilo eram ouvidas, aqui e ali.

Não fornecera Ele provas de inexcedível poder? não era o maior de todos os profetas? Não seria o libertador da raça escolhida?

Recolhiam os discípulos a sobra abundante do inesperado banquete, quando Malebel, espadaúdo assessor da Justiça em Jerusalém, acercou-se do Mestre e clamou para a multidão haver encontrado o restaurador de Israel. Esclareceu que conviria receber-lhe as determinações, desde aquela hora inesquecível, e os ouvintes reergueram-se, à pressa, engrossando fileiras, ao redor do Messias Nazareno.

Jesus, em silêncio, esperou que alguém lhe endereçasse a palavra e, efetivamente, Malebel não se fez rogado.

– Senhor – indagou, exultante –, és, em verdade, o arauto do novo Reino?

– Sim – respondeu o Cristo, sem, titubear.

– Em que alicerces será estabelecida a nova ordem? – prosseguiu o oficial do Sinédrio, dilatando o diálogo.

– Em obrigações de trabalho para todos.

O interlocutor esfregou o sobrecenho com a mão direita, evidentemente inquieto, e continuou:

– Instituir-se-á, porém, uma organização hierárquica?

– Como não? – acentuou o Mestre, sorrindo.

– Qual a função dos melhores?

– Melhorar os piores.

– E a ocupação dos mais inteligentes?

– Instruir os ignorantes.

– Senhor, e os bons? Que farão os homens bons, dentro do novo sistema?

- Ajudarão aos maus, a fim de que estes se façam igualmente bons.

– E o encargo dos ricos?

– Amparar os mais pobres para que também se enriqueçam de recursos e conhecimentos.

– Mestre – tornou Malebel, desapontado –, quem ditará semelhantes normas?

– O amor pelo sacrifício, que florescerá em obras de paz no caminho de todos.

– E quem fiscalizará o funcionamento do novo regime?

– A compreensão da responsabilidade em cada um de nós.

– Senhor, como tudo isto é estranho! – considerou o noviço, alarmado – desejarás dizer que o Reino diferente prescindirá de palácios, exércitos, prisões, impostos e castigos?

– Sim – aclarou Jesus, abertamente –, dispensará tudo isso e reclamará o espírito de renúncia, de serviço, de humildade, de paciência, de fraternidade, de sinceridade e, sobretudo, do amor de que somos credores, uns para com os outros, e a nossa vitória permanecerá muito mais na ação incessante do bem com o desprendimento da posse, na esfera de cada um, que nos próprios fundamentos da Justiça, até agora conhecidos no mundo. Nesse instante, justamente quando os doentes e os aleijados, os pobres e os aflitos desciam da colina tomados de intenso júbilo, Malebel, o destacado funcionário de Jerusalém, exibindo terrível máscara de sarcasmo na fisionomia dantes respeitosa, voltou as costas ao Senhor, e, acompanhado por algumas centenas de pessoas bem situadas na vida, deu-se pressa em retirar-se, proferindo frases de insulto e zombaria...

O milagre dos pães fora rapidamente esquecido, dando a entender que a memória funciona dificilmente nos estômagos cheios, e, se Jesus não quis perder o contato com a multidão, naquela hora célebre, foi obrigado a descer também.”

CASO 2

Trata-se da fala candente e emocionada de Matilde, Espírito Superior, dirigida ao seu filho espiritual, que ela tinha orientado nos primeiros passos no Bem, quando estiveram encarnados no século XII, na Itália de Francisco de Assis, sendo que, infelizmente, após a desencarnação da mãezinha querida, o filho deixou-se enganar pela ambição do poder material e, depois de muitos anos exercendo cargos cada vez mais elevados na estrutura religiosa do Catolicismo Romano, ao passar para o mundo espiritual, revoltou-se por não encontrar o Céu que não merecia, mas que acreditou poder comprar com o prestígio material que tinha adquirido e, cheio de revolta, passou a liderar terrível falange de obsessores, permanecendo nesse estado de negatividade durante oito séculos, mas, graças às persistentes orações e mentalizações da mãezinha, já estava em condições de receber-lhe a palavra sensata e amorosa, com vistas a retornar ao caminho do Bem:

“Lembra-te! Deixaste morrer nos séculos os projetos de amor que traçamos na Toscana e na Lombardia distantes? Esqueceste nossos votos ao pé dos altares humildes? Olvidaste as cruzes de pedra que nos ouviam as orações? Não prometemos ambos trabalhar em comum pela purificação dos santuários de Deus na Terra? Sempre grande e belo no combate à política venal dos homens, cristalizaste na mente os desvarios do orgulho e da vaidade, adquiridos ao contato de uma coroa putrescível. Afogaste ideais preciosos na corrente de ouro mundano e perdeste a visão dos horizontes divinos, mergulhando-te na sombra dos cálculos pela extensão do império de teus caprichos. Incensaste a grandeza dos poderosos do mundo em desfavor dos humildes, incentivaste a tirania espiritual, crendo-te possuidor de autoridade infalível, e supunhas que o Céu, além da morte, nada mais fosse que simples cópia dos Tribunais e das Cortes da Terra.”

Concluimos, portanto, à vista, inclusive, dos dois episódios altamente significativos e elucidativos, que o trabalho dos verdadeiros missionários da Luz deve conjugar aqueles dois elementos que mencionamos no início desta Introdução: 1 – o ensino da Verdade e 2 – a didática deve ser adequada, que pode ser traduzida na seguinte expressão: “ensinar a lição certa no momento certo”.

Muitos, que se entusiasmam com os primeiros contatos com os trabalhos no Bem, querem assumir o papel de missionários da Luz, acreditando que basta o entusiasmo inicial e que tudo são flores, mas é preciso preencher aqueles requisitos, em caráter permanente, qualificando-se teórica e praticamente, evidentemente que não tendo de frequentar nenhuma universidade ou curso daqueles que titulam as pessoas para o exercício das profissões, mas a qualificação espiritual é imprescindível, pois cada árvore só dá os frutos da sua especialidade e é necessário qualificar-se para trabalhar com real utilidade para eles próprios e para os aprendizes.

O Modelo a ser seguido deve ser sempre Jesus, a quem pedimos a bênção para toda a humanidade da Terra.

**PRIMEIRA PARTE:
OS PROFESSORES
E OS APRENDIZES**

CAPÍTULO I – O PROFESSOR

Jesus recusou o qualificativo de Bom dizendo que somente Deus o é, mas aceitou o nome de mestre, ou seja transmissor de conhecimentos, pois foi justamente isso que tem como Missão realizar.

Quando Emmanuel afirmou que Jesus é o Governador da Terra podemos interpretar essa situação como sendo muito mais a do professor do que a do administrador nos moldes puramente terrenos, pois o mestre ensina o caminho, mas deixa ao discípulo a obrigação de caminhar com as próprias pernas, enquanto que o mero administrador pouco realizado em função do progresso individual de cada administrado, uma vez que enxerga , normalmente, tudo em função dos “*grandes números*”, o que não acontece com Jesus, para quem todas as criaturas da Terra são igualmente importantes, desde a mais simples de todas, representada pelos elementos da Natureza.

Quando Ele disse: “Tudo que fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis” mostra muito bem sua preocupação com cada ser que está ligado à Terra.

São a ignorância e a falta de fé que fazem a maioria pensar que Jesus é um administrador comum e não um professor.

Não é à toa que sempre que se refere a Ele usa-se a expressão Divino Mestre.

Aprendamos todos a ser professores e não administradores no sentido estamos dando a uma expressão e outra, tanto na família, quanto no círculo de amigos, no ambiente de trabalho e na contribuição que cada um a dar para o mundo todo, mesmo que sua atuação seja aparentemente mínima, pois o que vale é a irradiação mental de cada um e não o trabalho exterior: aprendamos isso.

Sempre que nos referimos a trabalho queremos significar a irradiação mental no Bem e não qualquer outra coisa, principalmente material.

1– ENSINAR A VERDADE

O que vamos dizer neste item pode desagradar aos ortodoxos, mas compete-nos o dever de informar sem nos preocuparmos com as consequências que daí podem advir em termos de aceitação ou não desta obra.

A maior parte das afirmações de Chico Xavier não chegou ao conhecimento do grande público, pois a maioria das pessoas ficaria horrorizada com as verdades que ele dizia.

Citaremos apenas umas poucas, a fim de mostrarmos para os prezados leitores o alcance da palavra Verdade, a que Jesus se referiu:

Iniciemos com uma narrativa de Weimar Muniz de Oliveira sobre a fala de Chico Xavier sobre discos voadores (<http://www.vinhadeluz.com.br/site/noticia.php?id=1053>):

“No último dia 3 deste mês, abrindo o meu computador, no Outlook, surpreendi um interessante texto de meu grande amigo e companheiro de ideal, Geraldo Lemos Neto, de Belo Horizonte, presidente-fundador da “Casa de Chico Xavier”, de Pedro Leopoldo, em que ele entrevista Chico Xavier sobre discos voadores, conhecidos na imprensa por OVNI (Objetos Voadores Não Identificados).

O fato me trouxe à memória uma narrativa que Chico nos fez, em Uberaba, há 20 anos, mais ou menos, estando presentes à mesa do médium, em sua casa, Cleuza, duas outras pessoas e eu, quando ele, Chico, começou a falar sobre o disco voador que uma vez por ano descia sobre um platô bem elevado de Pedro Leopoldo.

Assim que ele começou a discorrer, imbui-me de coragem e perguntei:

– Chico, eu posso anotar?

Eu nunca pude me esquecer de suas palavras, textuais, sem faltar uma letra sequer, quando ele respondeu:

– Você tem direito, meu filho!

Não perdi tempo e anotei o que pude. Lembro-me de que, entre outras coisas, ele informou que a única pessoa que teve acesso ao interior da nave foi seu sobrinho, de que

não anotei o nome. Informou também que a única pessoa que contatava com o comandante da nave era uma humilde costureira, declinando seu nome. Tempos depois, tentei localizá-la, na cidade de Uberlândia/MG, para onde ela se mudou, mas não consegui. Tenho o nome dessa costureira nos meus guardados. Contou também que o comandante sempre ia à residência da costureira para buscar água de sua cisterna e que ficou muito impressionado com nossa cana de açúcar, ao ponto de pedir à costureira uma amostra, levando-a consigo para a nave.

Chico informou, ainda, que nem todos os discos voadores que visitam nosso planeta são do bem. Que devemos ter muito cuidado.”

Depois passemos às informações de Nena Galves de que Chico Xavier ouvia “*a voz inarticulada da Terra*” e de Divaldo Pereira Franco de que Chico conversava com as plantas, isso sem contar outras tantas revelações sobre o próprio Divaldo, que preferimos não mencionar para não ferir a modéstia desse missionário da Luz.

A Verdade é muito maior do que possa parecer aos que não estão preparados para tomar conhecimento dela: assim aconteceu com Nicodemos, por exemplo.

A Verdade somente é revelada a quem tem “*olhos de ver e ouvidos de ouvir*” e, em casos como o de Nicodemos, visa seu registro para a posteridade muito mais do que servir, de imediato, a quem ela é mostrada.

No Universo, como dito linhas atrás, não há desperdício de energia.

Outra coisa que temos de dizer é que Jesus não encarregou apenas os trabalhadores de uma corrente religiosa ou filosófica da veiculação da Verdade, mas ela aparece em todos os recantos do planeta, pois Jesus é o Mestre da Terra e não de uma seita ou determinada escola de espiritualização: dessa forma, Chico Xavier, Madre Teresa de Calcutá, Sathya Sai Baba, o Dalai Lama e outros ensinam a Verdade em

linguagens diferentes, a fim de que a humanidade inteira se aperfeiçoe.

Ninguém se julgue privilegiado por ser cristão e, dentro do Cristianismo, adepto de determinada corrente do Bem.

A Verdade é Deus, sendo que Deus é o Pai do Universo e não de uma facção de terrícolas.

Quando pensarmos na Verdade, imaginemos Deus, que é Infinito, todo Amor e toda Perfeição.

Tentarmos definir a Verdade é comparável a querer traduzir “*Os Lusíadas*”, de Luís de Camões para o “*tatibitate*” das crianças que começam a aprender a falar.

A Verdade que podemos ensinar é a que cabe nos limites da nossa insignificância, mas mesmo ela é útil.

Entretanto, para efeito deste estudo, podemos afirmar, por exemplo, duas Verdades: 1 – o poder do pensamento é imenso, para o Bem ou para o Mal, e deve ser exercitado diariamente, através da mentalização, para o Bem; 2 – a Natureza deve ser conhecida, não nos laboratórios, mas na convivência diária com os elementos que a compõem: terra, água, fogo e ar, sem contar os vegetais e animais, pois, sem isso, cada criatura humana caminhará para a auto degradação, como vem acontecendo, com a progressão geométrica das doenças físicas e mentais.

1.1– ENSINAR PELA PALAVRA

Esse ensinamento é o mais frágil de todos, pois já diziam os antigos romanos: *“Palavras o vento leva.”* Além de outro ditado: *“Se é verdade que as palavras convencem, o exemplo arrasta.”*

Não queremos desmerecer o valor da palavra, seja falada ou escrita, mas a verdade é que as pessoas em geral leem demais, sem tomar a iniciativa da auto reforma moral.

De nada adiante ter lido muito, ouvido muitas palestras, participado de inumeráveis cursos ou grupos de estudo, ou mesmo, ter escrito livros e proferido palestras sem conseguir domar suas más inclinações. Até pelo contrário, a responsabilidade pelas omissões e ações negativas é maior ainda.

Devemos nos preocupar em ensinar por outros meios, que veremos a seguir, muito mais do que pela palavra.

A palavra é para quem não sabe lidar com o pensamento, com o poder mental no Bem: sejamos diretos nessa afirmativa.

No mundo de regeneração a comunicação será muito mais mental do que pela palavra, tanto que Divaldo Pereira Franco disse que está sendo desenvolvido o *“quarto cérebro”* nos terráqueos mais evoluídos, que será encarregado das funções eminentemente mentais no sentido mais espiritual da palavra.

Quem não se aperfeiçoar nesse aspecto chegará em grande defasagem ao mundo de regeneração: saibamos disso.

1.2– ENSINAR PELO EXEMPLO

Jesus ensinou muito mais pelo exemplo do que pela palavra, sendo que, por isso, poucos episódios da Sua Encarnação foram registrados, tendo João, o evangelista, dito que estava se limitando à anotação de um fato ou outro e não a muitos.

Quem consegue assimilar os Ensinos de Jesus por Sua Vivência e não por Suas Palavras está muito à frente dos demais, pois a eloquência do Seu Ensino está em cada episódio de Sua Vida.

Vejamos, por exemplo, a humildade que manifestou no episódio narrado por Humberto de Campos, que é mais eloquente do que os Ensinos que ministrou a Malebel.

“Quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir” atente para isso e pegue a própria cruz e siga Jesus, vivenciando ao invés de discursar e tentar fazer prosélitos à força, pois estes somente se convencerão de verdade à vista do “*modus vivendi*” dos expositores da Verdade, uma vez que a maioria dos próprios emissários prega o Bem e faz o Mal por ações e omissões.

1.3– ENSINAR PELA MENTALIZAÇÃO

Eis a grande novidade para a maioria dos espiritualistas em geral, pois não acreditam no poder mental, sendo que André Luiz confirma, em “*Libertação*”, o que estamos dizendo aqui:

“Sabemos que a educação, na maioria das vezes, parte da periferia para o centro; contudo, a renovação, traduzindo aperfeiçoamento real, movimenta-se em sentido inverso. Ambos os impulsos, todavia, são alimentados e controlados pelos poderes quase desconhecidos da mente. O espírito humano lida com a força mental, tanto quanto maneja a eletricidade, com a diferença, porém, de que, se já aprende a gastar a segunda, no transformismo incessante da Terra, mal conhece a existência da primeira, que nos preside a todos os atos da vida.”

Como ensinar pela mentalização? A resposta é muito simples: verifiquemos o caso de Gregório, cuja mãezinha espiritual mentalizou-o durante oito séculos até conseguir melhorar sua receptividade às ideias do Bem, ou, acaso, os prezados leitores pensam que a abertura espiritual de Gregório ocorreu pelo simples decurso do tempo?

“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”: eis o segredo da evolução dos discípulos, induzidos mentalmente por seus Orientadores Espirituais.

Aprendamos que é assim que ocorre a evolução: com metade do esforço do discípulo, pois o restante fica por conta das induções mentais dos seus Orientadores e outros Espíritos benévolos.

Façamos o mesmo em relação aos que pretendemos ajudar a superar os defeitos morais e os vícios.

1.4 – JESUS: O ÚNICO MESTRE NA TERRA

Quando Jesus afirmou: “*Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim*” estava afirmando, a quem tem “*olhos de ver e ouvidos de ouvir*”, que é o único Mestre, sendo todos os demais Seus discípulos, uns mais e outros menos avançados no conhecimento da Verdade na Terra.

Quantos se desviaram do caminho, porque quiseram fundar correntes religiosas ou filosóficas, ao invés de se dizerem meros discípulos d’Ele!

Sem citar nomes, prezados irmãos, é grande o número desses “*falsos profetas*”, porque “*falso profeta*” não é somente aquele que mente sobre a Verdade, mas também aquele que mente sobre si mesmo, aparentando ser muito maior do que realmente é.

Muitos se arvoram em arautos da Verdade, mas, realmente, querem é ganhar evidência.

Quem tem qualquer dose de vaidade corta o elo que poderia manter com a Verdade.

Assumam o papel de meros entregadores de correspondência e não de redatores de tratados sobre a Verdade, porque somente Jesus a conhece e ela não está ao alcance dos egoístas, dos vaidosos e dos orgulhosos, sendo que a maioria dos habitantes da Terra padece desses três defeitos.

A Verdade, como se pode concluir, é maior do que as mentes terráqueas podem imaginar, pois que um modesto pé de grama é uma entidade incompreensível para o cientista mais eminente que ainda não enxergue Deus e a realidade espiritual.

Jesus envia Seus emissários para a reencarnação e eles também falam e escrevem através de médiuns, como o foram Chico Xavier e outros, mas a maioria das pessoas não compreende as verdades mais avançadas que eles pretenderam ensinar e essas pessoas ficam remoendo velhos chavões, sem condições de sair do seu modo primitivista de vida.

A evolução espiritual, como dito, não se faz pela mera leitura, mas pela vivência de um padrão espiritual superior, onde não há espaço para os defeitos morais e vícios.

Sem essa vivência, não adianta alguém dizer que considera as Lições de Jesus, porque Ele quer a mudança espiritual dos Seus pupilos e não frases de adoração inútil.

2 – A MEDIDA DA COMPREENSÃO DO APRENDIZ

Os orientais afirmam: *“Quando o discípulo está pronto o mestre aparece.”* Contudo, devemos ponderar sobre o grau de compreensão do discípulo, ou seja, aquilo que ele tem dentro de si como material sobre o qual o mestre trabalhará, de tal forma que, comparativamente falando, não há como fazer uma vitamina de frutas completa em termos nutrientes com apenas duas ou três qualidades de frutas.

Cada um deve aperfeiçoar-se para ter condições de assimilar as lições que lhe forem sendo ministradas de viva voz, pela intuição ou outro meio de informação.

Não se deve viver acomodadamente na horizontalidade, esperando que as lições venham ao nosso alcance.

Zaqueu e Maria de Magdala foram à procura de Jesus, enquanto que Paulo de Tarso não se interessou em procurá-lo, mas sim em perseguir seus seguidores e, por isso, seu caminho foi inçado de sofrimentos e acúleos.

Porém, mesmo Paulo, ao se dar conta da erronia da direção tomada, mudou logo de rumo e aprumou os ombros, encheu-se de coragem e partiu para a conquista da própria luz interior.

Nenhuma Verdade importante é lançada aos despreparados, porque, como dito, no Universo não há desperdício de energia.

Conquiste sua posição de aprendiz pelo seu esforço, seu merecimento, que, então, o mestre aparecerá na figura de muitas oportunidades, mas, se nenhuma aparecer explicitamente, pode ter certeza de que sua acústica espiritual será visitada por Orientadores Espirituais, que lhe ensinarão Grandes Verdades sem palavras, pela linguagem silenciosa do pensamento, bastando você merecer essa ajuda.

2.1 – A PACIÊNCIA, TOLERÂNCIA E PERDÃO DO PROFESSOR

Tanto quanto Jesus não se ofendeu com o despreço de Malebel aos Seus Ensinos, devemos mentalizar os ingratos, os viciosos, os perversos e aqueles que querem nos prejudicar, tanto quanto os bons, os caridosos e os evoluídos também, pois estes últimos precisam de ajudar para ajudar os outros.

Não se deve esperar recompensa, pois a maior delas é a felicidade, que somente o serviço no Bem proporciona.

Jesus não se agastou com quem quer que seja pelo fato de, por ser primário espiritualmente, não Lhe entender os Ensinos, pois seria o mesmo que castigar o filho por não conseguir aprender as lições escolares.

Quem se propõe a ajudar a humanidade a evoluir espiritualmente deve, sobretudo, trabalhar no setor da indução mental no Bem, pois ela não melindra o aprendiz orgulhoso, que não aceita professores; não envaidece o próprio mensageiro do Bem e atinge resultados surpreendentes, muito mais úteis do que muitas atuações concretas no mundo visível.

Aprendamos a lidar com essa ferramenta poderosíssima, que é o pensamento e deixemos que outros se encarreguem das tarefas puramente materiais, pois essas vêm sendo realizadas há muito tempo, por filantropos de todas as ideologias e, se é verdade que matam a fome nos instantes mais dramáticos, muitas vezes viciam a vontade dos necessitados na ociosidade, na mendicância e no vício.

Não queremos dizer que se deva dispensar a ajuda material, que é importante, mas que se deva ajudar cada um a sair das próprias dificuldades e nunca mais voltar a elas, se possível for.

Essa ajuda se constitui na indução mental ao trabalho, ao estudo, à superação dos vícios e da preguiça, da maldade e do pessimismo e assim por diante.

Há um psicólogo havaiano que cura pacientes psiquiátricos através de induções mentais, é claro que

dependendo da vontade dos pacientes de sarar: assim, cada um pode ajudar nesse aspecto, respeitando o livre arbítrio daqueles que pretendemos ajudar.

Por isso é necessário que tenhamos paciência, tolerância e saibamos perdoar as possíveis incompreensões dos nossos beneficiários.

CAPÍTULO II – O APRENDIZ

Chico Xavier nunca se arvorou em mestre, combatendo firmemente qualquer tentativa do que ele chamava de “*Chiquismo*”.

Infelizmente, no nosso meio espírita, criou-se uma expressão incorreta: “*Kardecismo*”, que não contaria nunca com a aprovação do Codificador da Doutrina dos Espíritos, pois ele sempre se colocou na posição de humildade perante os Espíritos Superiores que o orientavam e não pretendeu ser confundido com os fundadores de correntes religiosas ou filosóficas.

É preciso desfazer-se esse equívoco, apesar das palavras pouco significarem diante da necessidade e urgência da auto reforma moral, preconizada pelo elevado Espírito a que nos referimos com o maior respeito.

Mesmo sabendo que o que foi dito acima basta para não justificar-se a entronização de um nome em detrimento da Doutrina dos Espíritos, transcrevemos, apenas como reforço, o texto que se segue, extraído do livro “*Kardec e Gabi*”, de Violeta Cunha do Couto:

“Rivail desejava contribuir para a propagação da Verdade, mas, do papel de simples trabalhador a missionário-chefe, a distância era grande, segundo ele, e mal podia entender por que fora o escolhido para tão elevado encargo. Através da médium Srta. Alice Carlotti, em comunicação do Espírito de Verdade, a 12 de junho de 1856, Rivail recebeu a confirmação da sua missão e as primeiras instruções: que tivesse discrição quanto ao assunto e que, no cumprimento da obra, estaria justificada a sua missão:

“Para agradar a Deus é necessário, em primeiro lugar, ser humilde, modesto e desinteressado, pois Deus rebaixa os orgulhosos e presumidos. Para lutar contra os homens, é preciso ter coragem, perseverança e firmeza inquebrantável; é necessário também possuir tato e prudência”.

E, mais adiante:

“Estava incluído em sua missão: além de codificar a Doutrina, teria que escrever o conteúdo de suas pesquisas doutrinárias e publicá-las, mas não ficaria apenas nisso, não seria publicar um, dois ou dez livros: teria que propagar e divulgar a Doutrina, defendê-la sempre que necessário, além de viagens, que deveria empreender para a propagação e engrandecimento da obra. Rivail aceitou e humildemente elevou uma prece de submissão a Deus.”

Que os partidários da expressão “*Kardecismo*” nos perdoem, mas acreditamos que, tanto como Chico Xavier nunca aceitou a expressão “*Chiquismo*”, Allan Kardec, fiel discípulo de Jesus, não aceitaria a expressão “*Kardecismo*”.

Chico Xavier se colocava sempre na posição de mero aprendiz da Verdade, o mesmo fazendo Allan Kardec e outros tantos missionários da Luz, que viam em Jesus seu Inspirador Máximo.

Este item se destina, podem ter certeza, a servir de alerta contra o perigo da fascinação pelo destaque, que seguidores apressados e, às vezes, maliciosos, colam nas costas dos trabalhadores do Bem.

Por isso, André Luiz rotulou o elogio de “*lodo verbal*”, no que, na maioria dos casos, tem inteira razão.

Afinal, na Terra, somente há um Mestre, enquanto que todos os demais Espíritos são Seus discípulos, ou seja, aprendizes, tamanha é a distância que medeia entre o Divino Mestre e os Seus emissários, conhecidos na História do planeta como mestres.

Quanto aos aprendizes menos evoluídos, compõem a imensa mole humana, sendo que Jesus sabe exatamente quando cada um dará frutos e investe na medida certa da capacidade receptiva de cada um, sem desprezar a um sequer: podemos ter certeza disso e incluímo-nos entre os discípulos do Divino Mestre, que nos Ama infinitamente.

1 – TODOS SÃO APRENDIZES NA TERRA

Todos os Espíritos que passaram pela Terra ou nela habitam estão localizados abaixo de Jesus na escala evolutiva, pois cada planeta tem apenas um Governador, ou, melhor dizendo, Mestre.

Não faria sentido um número superior a um para desempenhar esse papel, pois, como dito, no Universo não há desperdício de energia.

Jesus é um Espírito Puro, que formou este planeta com a finalidade de aqui evoluírem Espíritos dos mais variados graus de aperfeiçoamento, desde os microscópicos até os humanos.

Quando falamos em “*todos*” queremos nos referir a todos, e não apenas àqueles que já alcançaram a fase humana.

Os minerais, ou seja, os quatro elementos: terra, água, fogo e ar; os vegetais e os animais também estão sob a Tutela Amorosa de Jesus.

Dizemos isto para que todos pensem nos demais seres como irmãos e irmãs, tal como propagou Francisco de Assis, respeitando a evolução dessas criaturas de Deus, a quem nos compete Amar com o Amor Universal e não prejudicar, como vem acontecendo em escala cada vez maior.

Tomemos medidas concretas nesse sentido, pois, se não, seremos responsabilizados por omissão ou, até, por ação criminosa, conforme o caso.

**SEGUNDA PARTE:
AS LIÇÕES DOS
MISSIONÁRIOS DA LUZ**

CAPÍTULO I – AS LIÇÕES DE JESUS

A narrativa da história de Jó retrata bem a mentalidade dos homens e mulheres da época anterior à vinda de Jesus ao mundo dos encarnados, pois a recompensa que se diz que Deus concedeu a esse homem fiel foi a devolução de todas as benesses materiais, acrescentando outras mais: assim pensava quase a integralidade dos Espíritos ligados à Terra, depois de quarenta milênios de inteligência racional.

A vinda de Jesus trouxe um referencial totalmente novo, pois a base da Sua Pregação é a seguinte: “*Meu Reino não é deste mundo*”, com o que disse que a vida no mundo espiritual é a mais importante, sendo os estágios na matéria apenas temporários e rápidos testes de avaliação do progresso espiritual realizado por cada um.

Entendamos isto como sendo o cerne da Verdade, porque todos os demais Ensinos gravitam em torno deste e só fazem real sentido em função deste.

Até hoje a humanidade da Terra, na sua maioria, vive como a formiga em torno de um torrão de açúcar, ou seja, reencarnando inúmeras vezes e desencarnando, mas sempre focada nos interesses e bens materiais, portanto, pouco evoluindo espiritualmente.

A maioria até duvida da existência do mundo espiritual e muitos sequer sabem que são Espíritos, acreditando que são corpos putrescíveis e que a vida acaba no túmulo.

Em suma, o principal na vida de cada Espírito é pensar, sentir e agir como Espírito, ou seja, como um foco de luz, atendendo à sugestão de Jesus, que disse: “*Brilhe a vossa luz.*”

Sigamos adiante nas reflexões sobre a Mensagem de Jesus, porém, sem nos esquecermos do ponto central da Sua Pregação, até hoje não compreendida real e profundamente, a ponto das criaturas humanas em geral continuarem pensando, sentindo e agindo como corpos e em função dos bens e interesses materiais.

1-A NOVA ORDEM

A “*Nova Ordem*” é a inversão total de valores que Jesus propôs aos habitantes humanos da Terra, no sentido, justamente, de colocar, em primeiro lugar, “*o Reino de Deus e Sua Justiça*”, ou seja, a realidade espiritual: sem essa compreensão, o Cristianismo é apenas mais uma Ética no meio de outras tantas, as quais vêm disputando adeptos, quase todos voltados para a melhoria, se possível, do mundo terreno no sentido mais material da palavra e, ao desencarnarem, o fazem em péssimas condições espirituais, passando quase todo o período no mundo espiritual nas zonas purgatoriais, conforme afirma André Luiz.

A mudança interior a que Allan Kardec se referiu começa com o reconhecimento daquilo que Jesus falou: “*Meu Reino não é deste mundo.*”

Essa é a “*Nova Ordem*”, que cada um deve realizar dentro de si mesmo e não na paisagem exterior, sendo que “*a cada um será dado conforme suas obras*”, ou seja, cada um é responsável pelo investimento que fizer dentro do seu próprio mundo interior, tendo Jesus também dito: “*O Reino de Deus está dentro de vós.*”

Sejamos conscientes disso e invistamos menos na caridade material exterior, que é relativamente fácil, se não se fizer acompanhar da auto reforma moral, porque a caridade material exterior acaba sendo uma fórmula tida como mágica e cômoda com a qual acreditamos poder comprar uma vaga em “*Nosso Lar*” ou outra colônia espiritual, tanto quanto os antigos compravam uma vaga no Céu com doações à Igreja de Roma.

1.1- OBRIGAÇÕES DE TRABALHO PARA TODOS

O trabalho a que Jesus se referiu é o trabalho para o próprio sustento e da família, bem com o trabalho espiritual, pois, sem produzir para auto sustentar-se, consagra-se o parasitismo, a inutilidade, a ociosidade, mãe de todos os vícios, e, sem o trabalho espiritual, vive-se como a formiga, simplesmente acumulando egoisticamente.

As Palavras de Jesus têm sempre um sentido espiritual e não horizontal, como a maioria das criaturas humanas quer dar-lhes.

Valorizemos sempre o trabalho nesses dois sentidos, para termos a dignidade do ato sustento, bem como evoluirmos espiritualmente.

Trabalhar no sentido espiritual é muito mais importante do que no sentido material, pois, através dele, iluminamos nosso próprio interior e contribuímos para que outros despertem para a realidade espiritual.

Nenhuma caridade há maior do que esclarecer os Espíritos encarnados e desencarnados para o compromisso da auto iluminação, pois o mais costuma ser mero clientelismo, paternalismo doentio e outras formas de incentivo indireto à estagnação nos defeitos morais e nos vícios.

Nos planetas superiores à Terra, como é o caso de Marte, o trabalho é basicamente espiritual, pois a materialidade resta muito reduzida na vida de cada Espírito ali reencarnado: entendamos isso e invistamos nesse tipo de realização, sobretudo, dentro de nós mesmos, através da auto reforma moral e do desenvolvimento do poder mental no Bem.

1.2-ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA

A hierarquia espiritual baseia-se na qualidade da irradiação espiritual de cada um, sendo que quem mais investe no auto aprimoramento espiritual tem uma irradiação espiritual muito mais elevada.

Comparemos aqueles que Divaldo Pereira Franco divulgou no Brasil com os nomes de “*crístais*” e “*índigos*” e veremos que os primeiros são Espíritos aperfeiçoados espiritualmente, enquanto que os segundos o são apenas intelectualmente.

O tipo de irradiação diz do grau evolutivo de cada ser, seja humano, animal, vegetal ou mineral, ou também angélico, como é o caso de Jesus.

Inclusive, na Justiça das Trevas, os Espíritos devedores são julgados pelo seu tipo de irradiação.

Vejam os como diferem radicalmente os valores verdadeiros em relação aos puramente terrenos, pois, no mundo material, as pessoas mais destacadas são, atualmente, as mais ricas em posses materiais, o que, aliás, no geral, retrata maior primarismo espiritual, pois, normalmente, os missionários da Luz não reencarnam com tarefas ligadas às riquezas materiais, mas sim o contrário.

Por isso Jesus disse: “*É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.*”

Entenda-se que o “*Reino dos Céus*” é o mundo interior, pois esses preferem, normalmente, as riquezas ao mergulho no mundo interior, para auto conhecerem-se, auto reformarem-se e tornarem-se luz mais brilhante.

Jesus não disse que é impossível essa tarefa aos ricos, mas sim que é mais difícil, pois eles costumam empolgar-se com as exterioridades: entendamos cada ideia com clareza, mas, ao invés de julgarmos os ricos, aperfeiçoemo-nos, pois cada um responde por si.

Hierarquia existe em todos os pontos do Universo, pois faz parte da Lei Divina, mas aos mais evoluídos compete

encaminhar os menos evoluídos, como veremos a seguir, no desdobramento dos Ensinos de Jesus a Malebel.

1.2.1– OS MELHORES

Este tópico merece uma atenção muito especial por parte dos prezados leitores, pois, em primeiro lugar, deve ser mostrada a frase: “Somos todos um”, que significa que todos os seres do Universo: minerais, vegetais, animais, hominiais e angelicais e o que há acima desses últimos formam uma unicidade na multiplicidade.

Uns dependem umbilicalmente dos outros, bastando referirmo-nos à forma de alimentação utilizada na Terra, onde as criaturas humanas devoram seus irmãos animais e vegetais, enquanto que, por exemplo, em Marte, devido à evolução espiritual daquela humanidade a sustentação dos corpos independe dessa violência, uma vez que sequer têm mais um aparelho digestivo, segundo se depreende da narrativa de Maria João de Deus, mãezinha de Chico Xavier, no seu livro “*Cartas de uma Morta*”.

“*Somos todos um*” derruba toda a prepotência humana, fazendo com que homens e mulheres encarnados deixem de vilipendiar nossos irmãos inferiores na escala evolutiva, aliás, para tanto também considerando que a diferença evolutiva entre nós e os Espíritos angelicais, como Jesus, é muito maior do que a diferença entre nós e um cristal ou um átomo e, nem por isso, eles nos maltratam ou desprezam.

Isso sem contar que ninguém é melhor em todas as áreas e, por isso, faz parte da Lei de Deus, a interdependência dos seres.

Devemos valorizar e Amar nossos irmãos inferiores na escala evolutiva, a fim de merecermos a atenção maior dos anjos: aprendamos isso.

Não será bajulando Jesus que supriremos nossa falta de Amor diante dos animais, vegetais e os quatro elementos: terra, água, fogo e ar, que os cientistas materialistas apelidaram de minerais, dizendo que não têm vida, enquanto que, por exemplo, em “*Libertação*”, de André Luiz, se diz exatamente o contrário:

“Cada espécie de seres, do cristal até o homem, e do homem até o anjo, abrange inumeráveis famílias de criaturas, operando em determinada frequência do Universo.”

Quando Jesus disse: *“Tudo aquilo que fizerdes em favor destes pequeninos é a Mim que o estareis fazendo”*, incluiu todos os seres e não apenas as crianças, os pobres etc. etc., mas os seres que Francisco de Assis, na sua superioridade espiritual, chamava de irmãos e irmãs.

Ecologia não deve ser bandeira para autopromoção, discursos sem valorização concreta dos seres infra humanos.

No mundo espiritual umbralino há muitos que abusam das inteligências sub humanas, conforme está mencionado no referido livro de André Luiz, por exemplo no seguinte trecho:

“Aqui mesmo, nesta cidade, tínhamos, a princípio, autêntico império de vidas primitivas que, pouco a pouco, se fez ocupado por extensas coletividades de almas vaidosas e cruéis. Entrincheiraram-se nestes sítios, guardando o louco propósito de hostilizar a Bondade Excelsa, e exercem funções úteis junto a enorme agrupamento de criaturas, ainda sub-humanas, não obstante atenderem a serviço que para nós outros seria presentemente insuportável. Usam a violência em largas doses, todavia, no curso dos anos, a influência intelectual delas trará grandes benefícios aos oprimidos de agora e estejamos convictos de que, apesar de blasonarem inteligência e poder, permanecerão nos postos que ocupam apenas enquanto perdurar o consentimento da Divina Direção, atento ao princípio que determina tenha cada assembleia o governo que merece. Em todos os quadros do Universo, somos satélites uns dos outros, os mais fortes arrastam os mais fracos, entendendo-se, porém, que o mais frágil de hoje pode ser a potência mais alta de amanhã, conforme nosso aproveitamento individual. Expedimos raios magnéticos e recebemo-los ao mesmo tempo.”

Eis aí mais um aspecto, dentre inúmeros, da Verdade, a que Jesus se referiu.

Atentemos para a responsabilidade que vamos assumindo, cada vez mais, junto aos seres sub humanos, que são massacrados, vilipendiados e eliminados através da devastação da Amazônia, do desmatamento cruel, da poluição dos rios, da ameaça de extinção de espécies inteiras e nós temos assistido a isso tudo sem plantar um pé de capim.

1.2.2– OS MAIS INTELIGENTES

Pela simples leitura de “*O Livro dos Espíritos*”, na parte que trata da inteligência e da moralidade, vê-se que a inteligência evolui pelo mero decurso do tempo, quanto aos que não se esforçam, mas a espiritualidade somente se desenvolve naqueles que resolvem “*pegar a própria cruz e seguir o Bem*”.

Quem são os mais inteligentes senão os Espíritos criados há mais tempo, regra geral?

Ser mais inteligente não é bom nem ruim, pois um Espírito menos inteligente pode ser mais evoluído espiritualmente e é isso que conta, pois sua irradiação mental será superior.

Os chefes das Trevas são muito inteligentes, mas pouco expressivos na hierarquia espiritual: entendamos isso e desmitifiquemos a Deusa Razão, entronizada na infeliz cena na época da Revolução Francesa.

As Trevas pretendem enfrentar Jesus enganando as criaturas deste planeta com as ilusões da inteligência sem Deus e, assim, hoje em dia, em nome do progresso, induzem criaturas primárias espiritualmente à conquista de títulos de superioridade intelectual, as quais perdem a reencarnação correndo atrás de cada vez maior número desses certificados de coisa nenhuma, pois a verdadeira Ciência vive em função da Natureza, de onde provêm todas as informações, como já preconizava Sócrates, há vinte e três séculos, na Atenas dos filósofos de verdade e da Verdade.

Entendamos o que temos feito do nosso próprio cérebro, acumulando dados inúteis para a nossa evolução espiritual, como depósito de lixo cultural.

O tempo de uma reencarnação passa muito rápido e a maioria vai penar nas zonas purgatoriais pelo tempo mal empregado, mesmo que sob o pretexto de aturados e complexos estudos.

Vejamos o que André Luiz mostra, no mencionado livro, sobre a condenação, por um Tribunal das Trevas, de um

intelectual, que conservou usurariamente as inúteis informações que foi amalhando quando encarnado:

“- Clamais debalde, porque desagradável vibração de egoísmo cristalizante vos caracteriza a todos. Que fizestes do tesouro cultural recebido? - Vosso “tom vibratório” demonstra avareza sarcástica. O homem que ajunta letras e livros, teorias e valores científicos, sem distribuí-los a benefício dos outros, é irmão infortunado daquele que amontoa moedas e apólices, títulos e objetos preciosos, sem ajudar a ninguém. O mesmo prato lhes serve na balança da vida.”

Que este caso sirva de lição e alerta para quantos se julgam muito inteligentes e, ao invés de servirem, querem ser servidos, endeusados, gozar de privilégios, riquezas e autoridade, em nome dessa falsa ou verdadeira superioridade.

1.2.3– OS BONS

Jesus recusou o qualificativo de “*Bom*”, dizendo que apenas Deus o é.

Pensemos nisso.

Quantas vezes fazemos o Bem visando o reconhecimento dos beneficiários ou até intenções inconfessáveis!

Aqueles que já despertaram para a Caridade pensem na motivação profunda e verdadeira de cada ato no Bem e descobrirão, em si mesmos, muita treva no meio da luz.

Este tema é para cada um pensar, e muito, não se contentando em realizar, mecanicamente, o Bem, mas, sempre, “*vigiar e orar*”, pois a própria caridade pode significar, para os desprevenidos e os que não oram e vigiam, o escorregão para o abismo da vaidade, da auto suficiência, do auto endeusamento.

1.2.4– OS MAIS RICOS

Poucos Espíritos realmente evoluídos reencarnam com missões na área da riqueza material, pois seu foco é a espiritualização, enquanto que a riqueza é o mero acúmulo de bens terrenos.

Veja-se, todavia, a riqueza como uma ferramenta material para tentar despertar nas criaturas algo de espiritual: seria como querer passar da terceira para a quarta dimensão, mas, de qualquer forma, é uma tarefa, que pode ser cumprida com Amor e proporcionar algum proveito espiritual.

Quando Jesus disse: “*Ninguém pode Amar a Deus e a Mamom*” estava mostrando as duas realidades: a espiritual e a material.

Reflitamos sobre isso e consideremos os bens materiais, muitos ou poucos, como meras ferramentas de trabalho, úteis apenas durante a vida na reencarnação.

O desapego é a virtude mais difícil de ser alcançada pelos homens e mulheres do planeta Terra, pois a maioria não tem certeza da vida no mundo espiritual e acredita que é corpo: essa a realidade.

1.3– AS LEIS DIVINAS

Jesus resumiu a Lei Divina, para a humanidade daquele tempo, nos três Amores: Amor a Deus sobretudo e sobre todos, Auto Amor e Amor Universal.

Não é crível que alguém possa encontrar boas justificativas para não acreditar em Deus, entendendo que o Universo se fez a si mesmo ou é obra do Acaso. Esses, portanto, são ingratos para com Deus, o Criador. Esse Amor deve superar todos os demais, pois representa a gratidão por existir, por força do Pensamento Criador do Pai.

Não Auto Amar-se é viver em função das materialidades, pois o Espírito vive, e melhor, sem um corpo material do que submetido a ele, contanto que tenha desenvolvido seu poder mental no Bem. Portanto, Auto Amar-se é evoluir espiritualmente.

Quando Jesus falou no Amor ao próximo, incluiu entre os próximos nossos irmãos menos adiantados na escala evolutiva, apesar da maioria dos terrícolas pensar o contrário, desprezando essas criaturas, que são tão filhas de Deus como os anjos o são. Quem consegue ser como um Francisco de Assis nunca se sente sozinho, pois a terra, a água, o ar, o fogo, um pé de capim, um cão – todos são seus irmãos e irmãs muito queridos, que lhe preenchem a necessidade de afeto.

A solidão, que muitos vivenciam, deve-se ao egoísmo e à incompreensão de que *“somos todos um”*.

Aprendamos e vivamos essa Verdade e seremos muito felizes.

1.4 – A AUTOFISCALIZAÇÃO

Jesus disse: “*Eu a ninguém julgo*”, porque é Mestre e não administrador.

Quem ensina, no sentido mais elevado da palavra, não reprova seus alunos que não aprenderam a lição, e, assim, cada um deve julgar a si próprio, dentro da realidade espiritual.

Quem julga as outras criaturas está usurpando uma função que compete somente à própria consciência individual, pois a frequência mental de cada um fá-lo sintonizar com seus iguais e daí provêm a felicidade ou o sofrimento interior.

Entendamos isso: ao invés de criticarmos as pessoas, julguemos a nós mesmos e corrijamos nossos defeitos morais e nossos vícios.

Autofiscalizar-se consome muito tempo e não teremos tempo para “*detectar o argueiro que está no olho dos nossos irmãos, enquanto trazemos uma trave no nosso olho.*”

Evoluir espiritualmente é a meta individual de cada um e não há, na Lei Divina, a função de julgador da conduta alheia, mas apenas em planetas primitivos como a Terra.

1.5 – A DESNECESSIDADE DE ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

Considerando-se que a “*Nova Ordem*” proposta por Jesus trata-se da auto reforma moral, do aperfeiçoamento mental, da sintonização em faixas superiores do psiquismo, onde entram as estruturas administrativas? Não há lugar para esse tipo de coisas no mundo interno de cada um.

Entendamos, dizemos mais uma vez, que Jesus veio ensinar a espiritualização e não sugeriu, em momento algum, a ninguém formar entidades jurídicas para atuar nesse setor, que é puramente mental.

Com esse desvirtuamento é que começaram a surgir as disputas pela direção de entidades, que separam as criaturas, criam cizânias e assimilam, em suma, as induções das Trevas, como acontece atualmente, tanto que Manoel Philomeno de Miranda, no seu último livro, aborda esse assunto, que muita gente lê e finge que nada tem a ver com isso.

CAPÍTULO II – O ENSINAMENTO DE MATILDE

Ao invés de desenvolvermos comentários sobre as ponderações de Matilde, Espírito de elevada expressão espiritual, mencionada no livro “*Libertação*”, de André Luiz, no diálogo com Gregório, seu filho espiritual, faremos diferente: no item posterior a este transcreveremos esse diálogo, que fala por si mesmo e dispensa comentários.

1 – HUMILDADE, DESAPEGO E SIMPLICIDADE

Depois de aguardar por oitocentos anos o relativo despertar espiritual de Gregório, chefe de uma falange das Trevas, Matilde teve a oportunidade que fez por acontecer e, então, dialogou com o filho espiritual, conforme relato de André Luiz:

“Nosso Instrutor fez-nos sentar em semicírculo, compelindo-nos a recordar várias cenas evangélicas e informou, com visível emoção, que, segundo mensagem particular por ele registrada, Gregório e os dele já se haviam colocado em nosso encalço e que, se alguns dos companheiros procurassem evitar-lhe a presença, qualquer fuga, em nosso agrupamento, se fazia impraticável, em virtude de a elevada percentagem de peregrinos, ali reunidos, se revelarem incapazes de volitação em alto plano, pela densidade do padrão mental em que se mantinham.

Cabia-nos, pois, agora, a atitude de oração e expectativa amorosa de quem sabia compreender, ajudar e perdoar.

Do zimbório estrelejado desciam valiosos estímulos para nós.

Constelações tremeluziam distantes, enquanto a Lua, silenciosa e bela, parecia disposta a testemunhar-nos o esforço cristão.

Reparei que o nosso dirigente, insulado na relva macia, assumia a mesma posição de instrumento mediúnico, qual acontecera na reunião que vínhamos de efetuar, porque me entregou, confiante, a direção da assembleia, o que aceitei, dentro de preocupação extrema, embora sem hesitar.

Providenciada semelhante medida, Gúbio passou a elevada condição mental, por intermédio da oração.

Acompanhamo-lo, reverentes. Não havia gosto para conversações estranhas ao problema delicado daquela hora.

Demorávamo-nos em observação expectante, quando ruído longínquo nos anunciou a alteração dos acontecimentos.

O Instrutor, não obstante palidíssimo, dando-nos a ideia de que já se achava em comunicação com entidades superiores e imperceptíveis ao nosso olhar, mais uma vez nos exortou ao silêncio, à paciência, à serenidade e à prece, recomendando-nos seguir todos os fatos, sem revolta, sem mágoa e sem desânimo.

Não foi preciso esperar muito.

Alguns minutos se desdobraram apressados e Gregório, com algumas dezenas de assalariados, surgiu em campo, investindo-nos com palavrões que se caracterizavam pela dureza e violência. Os recém-chegados apareceram acompanhados de grande cópia de animais, em maioria monstruosos.

Noutras circunstâncias, sem a bênção do aviso salutar, provavelmente teríamos debandado, mas Gúbio, cuja superioridade conhecíamos por experiência própria, ali se mantinha, resoluto e imperturbável, emitindo ondas de luminosidade intensa, veiculando forças magnéticas, imponderáveis, que, dirigidas sobre nós, como que nos supria de recursos necessários ao procedimento irrepreensível.

Por mim, ao reparar as máscaras sinistras que se abeiravam de nós, confesso que, em tempo algum, senti tamanha ameaça de medo e tão profundo contágio de confiança.

O sacerdote das sombras avançou para o nosso orientador, à semelhança de general parlamentando na praça, antes de começar a batalha, e acusou sem rodeios: — Miserável hipnotizador de servos ingênuos, onde se alinham tuas armas para o duelo desta hora? Não contente em prejudicar-me os projetos mais íntimos, num problema de ordem pessoal, aliciaste numerosos colaboradores meus, em nome de um Mestre que não

ofereceu aos que o acompanharam senão sarcasmo, martírio e crucificação! Acreditas, porventura, esteja eu disposto, por minha vez, a aceitar princípios que relaxam a dignidade humana?

Admites, acaso, permaneça, a meu turno. fascinado pelos feiticeiros de tua estirpe? Traidor da palavra empenhada, confundir-te-ei os poderes de bruxo desconhecido! Não creio no amor açucarado que elegeste por senha de luta! Creio na força que governa a vida e que te dobrará, igualmente, aos meus pés!

Percebendo que o nosso orientador não se erguia, como que chumbado ao solo, compelido por indefinível prostração, não obstante cercado de intensa luz, o sacerdote dos mistérios negros, acariciando os copos da espada luzente, acentuou, irado:

—Covarde, não te levantas para ouvir-me a acusação justa e digna?

Perdeste também o brio, semelhando-te a quantos te antecederam no movimento de humilhação que persiste no mundo, há quase dois mil anos?

Também, noutra época, acreditei na celestial proteção através da atividade religiosa, nos ideais em que hoje te empenhas. Entendi, contudo, a tempo, que o Trono Divino paira distante demais para que nos preocupemos em alcançá-lo.

Não há um Deus misericordioso e, sim, uma Causa que dirige. Essa causa é inteligência e não, sentimento - Encastelei-me, assim, na força determinativa para não soçobrar. O “querer”, o “mandar” e o “poder” estão em minhas mãos.

Se tuas mágicas prevalecem acima dos princípios que consagro e defendo, aceita a luva que te lanço à face! Combatamos!

Gregório espraçou torvo olhar pela assistência muda e exclamou:

—Aqui descansam inermes, ao teu lado, os meus colaboradores que adormeceram, vergonhosamente, ao teu cântico sedutor; entretanto, cada qual deles me pagará, muito caro, a defecção e a desobediência.

Fixou, com mais atenção, os olhos felinos na assembleia, mas, exceto eu, que deveria permanecer atento à tarefa direcional que me fora cometida, ninguém ousou modificar a atitude de profunda concentração nos propósitos de humildade e amor a que fôramos conclamados.

Demonstrando acentuado desapontamento, em face dos insultos sem resposta, o temível diretor de legiões sombrias abeirou-se, mais estreitamente, de nosso Instrutor sereno e bradou:

—Levantar-te-ei, por mim mesmo, usando os sapatos que mereces.

Antes, porém, que conseguisse ligar o intento à ação, delicado aparelho luminoso surgiu no alto, à maneira de garganta improvisada em fluidos radiantes, como as que se formam nas sessões de voz direta, entre os encarnados, e a voz cristalina e terna de Matilde ressoou, acima de nossas cabeças, exortando-o, com amorosa firmeza:

—Gregório, não enregeles o coração quando o Senhor te chama, por mil modos, ao trabalho renovador! O teu longo período de dureza e secura está terminado. Não intentes contra os abençoados aguilhões de nosso Eterno Pai! o espinho fere, enquanto o fogo o não consome; e a pedra mostra resistência, enquanto o fio d'água a não desgasta!

Para a tua alma, filho meu, findou a noite em que a tua razão se eclipsou no mal. A ignorância pode muito; no entanto, é simples nada quando a sabedoria espalha os seus avisos. Não admitas que os monstros da negra magia te alimentem o coração com a felicidade desejável!

O temido perseguidor mantinha-se confundido, semi-aterrado, ao passo que nós mesmos, os circunstantes

ligados à missão de Gúbio, não conseguíamos dissimular a imensa surpresa que nos dominava, ante o quadro imponente e inesperado.

Compreendi que a benfeitora se valia dos fluidos vitais de nosso orientador para exprimir-se, naquele plano, qual o fizera, horas antes, na residência de Margarida.

O sacerdote transviado, num complexo de espanto, rebelião e amargura, tinha agora o aspecto de uma fera enjaulada.

—Acreditas, porventura — prosseguiu a voz materna, aduçoçada —, que o amor pode alterar-se no curso do tempo? Supuseste, um dia, que eu te pudesse esquecer? Olvidaste a imantação de nossos destinos? Peregrine minh'alma através de mil mundos, suspirarei sempre pela integração de nossos espíritos. A luz sublime do amor que nos arde nos sentimentos mais profundos pode resplandecer nos precipícios infernais, atraindo para o Senhor aqueles que amamos. Gregório, ressurgue!

E, numa inflexão de lágrimas que desarmaria o raciocínio mais enrijecido, acentuou:

—Lembra-te! Deixaste morrer nos séculos os projetos de amor que traçamos na Toscana e na Lombardia distantes? esqueceste nossos votos ao pé dos altares humildes? olvidaste as cruzes de pedra que nos ouviam as orações? não prometemos ambos trabalhar em comum pela purificação dos santuários de Deus na Terra? Sempre grande e belo no combate à política venal dos homens, cristalizaste na mente os desvarios do orgulho e da vaidade, adquiridos ao contato de uma coroa putrescível. Afogaste ideais preciosos na corrente de ouro mundano e perdeste a visão dos horizontes divinos, mergulhando-te na sombra dos cálculos pela extensão do império de teus caprichos. Incensaste a grandeza dos poderosos do mundo em desfavor dos humildes, incentivaste a tirania espiritual, crendo-te possuidor de autoridade infalível, e supunhas que o Céu, além da

morte, nada mais fosse que simples cópia dos Tribunais e das Cortes da Terra. Tremendos desenganos surpreenderam-te o despertar, e, embora humilhado e padecente, coagulaste os pensamentos no ácido venenoso da revolta e elegeste a escravização das inteligências inferiores por única posição digna de conquistar.

Durante séculos, tens sido apenas rude disciplinador de almas criminosas e perturbadas que o túmulo encontrou na imprudência e no vício. Não te doerá, porém, filho meu, a triste condição de gênio desprezível? Semelhante pergunta não morre sem resposta. Falam por ti o imenso tédio do mal e a profunda solidão interior que presentemente te invadem as horas. Aprendeste com infinito desapontamento que os tesouros divinos não repousam em frias arcas de valores amoedados, e sabes, agora, que Jesus dispõe de escasso tempo para frequentar basílicas suntuosas, não obstante respeitáveis, porque da escura senda humana emergem soluços de peregrinos sem luz e sem lar, sem arrimo e sem pão...

Via-se que a benfeitora, quase asfiziada pela emoção, apresentava enorme dificuldade para continuar, mas, após longa pausa, que ninguém ousou interromper, prosseguiu, comovida:

— Como pudeste esquecer, por alguns dias de autoridade efêmera na Terra, as nossas redentoras visões do Cristo angustiado na cruz? Aderiste aos Dragões do Mal pela simples verificação de que a tiara passageira não te poderia aureolar a cabeça nos domínios da vida eterna a que a morte nos arrebatou; entretanto, o Divino Amigo jamais descreu das nossas promessas de serviço e espera por nós com a mesma abnegação do princípio. Vamos!

Sou Matilde, alma de tua alma, que, um dia, te adotou por filho querido e a quem amaste como dedicada mãe espiritual.

Calou-se a voz da mensageira, interditada pela corrente de pranto.

Foi então que Gregório, fazendo quanto lhe era possível por manter-se de pé, gritou, como ansioso por fugir a si mesmo.

— Não creio! não creio! Estou só! consagrei-me ao serviço das sombras e não tenho outros compromissos. Transbordava-lhe da voz menos altiva um tom de pavor indescritível.

Parecia disposto à fuga, francamente transformado. Mas, ante a assembleia extática e silenciosa, mantinha-se magnetizado pela palavra da benfeitora que se fazia ouvir, austera e doce, bela e terrível, escalpelando-lhe a consciência.

Espraiou o olhar de leão ferido através de todos os ângulos do campo que nos situava, e, sentindo-se no centro de quantos assistiam, ali, atônitos, à cena inesperada, exteriorizou na expressão fisionômica todo o desespero extremo que lhe vagava n'alma, arrancou a espada da bainha e bradou encolerizado:

— Vim para combater, não para argumentar. Não temo sortilégios. Sou um chefe e não posso perder os minutos com palavras tergiversantes. Não admito a presença de minha mãe espiritual de outras eras. Conheço as artimanhas dos fascinadores e não tenho outra alternativa senão duelar.

Fitando a delicada forma de luz que pairava no espaço, acrescentou:

— Por quem és! Anjo ou demônio, aparece e combate! Aceitas meu desafio?

— Sim... — respondeu Matilde, com ternura e humildade.

— Tua espada? — trovejou Gregório, arquejante.

— Vê-la-ás dentro em breve...

Após alguns momentos de ansiosa expectativa, apagou-se a garganta luminosa que brilhava sobre nós, mas leve massa radiante e disforme surgiu, não longe, à nossa vista.

Compreendi que a valorosa emissária se materializaria, ali mesmo, utilizando os fluidos' vitais que o nosso orientador lhe forneceria.

Júbilo e assombro dominavam a assembleia.

Em poucos instantes, erguia-se Matilde, a nosso olhar, de rosto velado por véu de gaze tenuíssima. A túnica alva e luminescente, aliada ao porte esguio e nobre, sob a auréola de safirina luz de que se tocava, traziam à lembrança alguma encantada madona da Idade Média, em repentina aparição.

Adiantava-se, digna e calma, na direção do sombrio perseguidor; todavia, Gregório, perturbado e impaciente, atacou-a de longe e empunhou a lâmina em riste, exclamando, resoluto:

— Às armas! às armas!...

Matilde estacou, serena e humilde, embora imponente e bela, com a majestade de uma rainha coroada de Sol.

Decorridos alguns instantes ligeiros, movimentou-se novamente e, alçando a destra radiosa até ao coração, caminhou para ele, afirmando, em voz doce e terna:—

Eu não tenho outra espada, senão a do amor com que sempre te amei!

E de súbito desvelou o semblante vestalino, revelando-lhe a individualidade num dilúvio de intensa luz. Contemplando-lhe, então, a beleza suave e sublime, banhada de lágrimas, e sentindo-lhe as irradiações enternecedoras dos braços que, agora, se lhe abriam, envolventes e acolhedores, Gregório deixou cair a lâmina acerada e de joelhos se prosternou, bradando:

— Mãe! Minha mãe! Minha mãe!...

Matilde enlaçou-o e exclamou:

— Meu filho! Meu filho! Deus te abençoe! quero-te mais que nunca!

Verificara-se, ali, naquele abraço, espantoso choque entre a luz e a treva, e a treva não resistiu...

Gregório, como que abalado nos refulhos do ser, regressara à fragilidade infantil, em pleno desmaio da força que o sustinha. Finalmente, iniciara sua libertação. A benfeitora, enlevada, recolhera-o, enlanguescido, nos braços, enquanto numerosos membros da sombria falange fugiam espavoridos.

Matilde, vitoriosa, agradeceu em palavras que nos faziam vibrar as fibras mais recônditas da alma, e, em seguida, confiou aos nossos cuidados o filho vencido, asseverando-nos que o abnegado Gúbio se encarregaria de guardar, por algum tempo, aquele que ela considerava o seu divino tesouro.

Após abraçar-nos, generosa, desmaterializou-se ao nosso coro de hosiânas, a fim de seguir, de mais longe, a preparação do futuro glorioso.

Refez-se o nosso orientador, reintegrando-se em nosso grupo de serviço.

Edificado, feliz, Gúbio sustentou Gregório, inerte, nos braços à maneira do cristão fiel que se orgulha de suportar o companheiro menos feliz. Orou, cercado de claridade santificante, arrancando-nos lágrimas irreprimíveis de alegria e reconhecimento e, depois, ante a paz que se estabelecera, triunfante e ditosa, deu por finda a nossa tarefa, dispondo-se a guiar a heterogênea, mas expressiva coletividade de novos estudantes do bem, recolhidos nos trabalhos de salvação de Margarida, até a importante e abençoada colônia de trabalho regenerador.”

CAPÍTULO III – AS LIÇÕES DE SÓCRATES

Ninguém do que Montaigne, no século XVI, retratou as ideias de Sócrates, principalmente no que dizia respeito ao contato com o mundo espiritual e o referencial da Natureza como fonte de todos os conhecimentos, pois a Natureza se rege pelas Leis de Deus da forma mais direta, sem os desvios tipicamente humanos.

Estudemos, então, nos itens seguintes, essas facetas da Verdade.

1 – CONTATO PERMANENTE COM O MUNDO ESPIRITUAL

É Montaigne quem diz, no seu livro “*Ensaio*”, de forma velada, para não despertar as iras do Tribunal do Santo Ofício, que levou milhares de homens e mulheres às fogueiras da intransigência:

“O demônio familiar de Sócrates consistia provavelmente em certas inspirações que se apresentavam a ele sem passar pela razão. Em alma tão pura quanto à sua, feita por inteiro de sabedoria e virtude, é de crer-se que, embora ousadas e admissíveis, tais inspirações eram sempre importantes e dignas de se ouvirem. Não há quem não sinta em si mesmo por vezes semelhante obsessão de uma ideia brusca, veemente e fortuita. Cabe a cada um de nós dar-lhe ou não certa consistência, a despeito do que manda a prudência à qual fazemos ouvidos moucos, tive-as eu próprio, carecedoras de razão mas violentamente persuasivas, ou ao contrário (como era o caso de Sócrates), e a elas me abandonei com tamanha felicidade que quase poderia atribuir-lhes uma origem divina.”

2- OBEDIÊNCIA AOS PADRÕES DA NATUREZA

Igualmente nos socorreremos, neste ponto, de duas falas de Montaigne, baseadas em Sócrates, extraídas do mencionado livro:

“Perguntai a Alexandre o que sabe fazer. Dirá: subjugar o mundo. Indagai o mesmo de Sócrates e responderá: viver a vida humana de acordo com as condições estabelecidas pela natureza. Ciência bem mais vasta, mais pesada e mais digna.”

“Não precisamos de muita ciência para vivermos satisfeitos, e Sócrates nos ensina que aquilo de que necessitamos trazemo-lo em nós mesmos; e oferece-nos o método de explorá-lo e aproveitá-lo. Toda ciência, fora da que nos vem da natureza, é vã e supérflua; e podemos considerar-nos felizes se não nos pesa e embaraça mais do que nos serve: ‘Não é preciso saber muito para ser sábio’.”

CAPÍTULO IV – A LIÇÃO DE FRANCISCO DE ASSIS

A lição mais importante que esse Espírito luminoso transmitiu aos habitantes da Terra não foi o ideal de desapego aos bens terrenos, pois muitos já tinham ensinado essa faceta da Verdade, principalmente Jesus, que disse: “*Não tenho uma pedra onde recostar a cabeça*”, mas, sim, a noção de Irmandade Universal, que pode ser traduzida na expressão: “*Somos todos um.*”

1 – AMOR UNIVERSAL

O Amor Universal não se restringe aos seres espirituais que transitam pela fase humana, rumo à angelitude, mas deve contemplar todos os seres, que estão acima e abaixo na escala evolutiva, que se perde no infinito para o máximo e para o mínimo.

Francisco de Assis não era caridoso no sentido comum da palavra, mas sim profundo conhecedor da Ciência Cósmica, segundo a qual a essência do cristal é a mesma das estrelas, do vegetal, do anjo, do cão e de um ser humano, pois a evolução é o caminho de tudo que Deus criou.

Em “*A Grande Síntese*” Jesus descreve o processo evolutivo dos seres, numa linguagem impossível ao cientista de Assis, naquela época de tanto primitivismo intelecto-moral da humanidade, que vivia a trevosa Idade Média europeia.

Amar os seres menos evoluídos que nós não representa nenhuma caridade, mas a necessidade de trocas energéticas, que dão saúde, felicidade, paz interior e progresso espiritual.

Ingressem nesse estilo de vida e sua realidade interna mudará imediatamente para melhor.

CAPÍTULO V – AS LIÇÕES DE GANDHI

Gandhi, muito mais que libertador político da Índia, foi um mestre do Psiquismo, pois suas mentalizações foram a verdadeira mola propulsora daquilo que o mundo materialista registrou como a desocupação militar da Índia pelos britânicos.

Quantas vezes o grande iniciado no Mentalismo saiu do frágil corpo terreno e influenciou acontecimentos e mentes, a fim de que tudo acontecesse em paz e sem violências: essa realidade não está descrita nos registros históricos do mundo, mas foi decisiva para que tudo se encaminhasse como encaminhou.

Gandhi é um dos Espíritos mais evoluídos que passou pela Terra, tanto quanto Francisco de Assis, Chico Xavier e outros, que atuaram através do poder mental no Bem muito mais do que materialmente.

Vejam as lições externas, digamos assim, que ele deixou para a humanidade terrena.

1 – AMOR À VERDADE

Apesar de hinduísta, seu Modelo era Jesus, mas não quis converter-se ao Cristianismo, porque via as incoerências dos cristãos em geral, inclusive dos britânicos, que escravizaram seu país por dois séculos e somente o desocuparam militarmente porque o mundo inteiro acompanhou, horrorizado, suas injustiças e abusos, além de que nenhum lucro conseguiam mais naquele país, que, simplesmente, recusou-se a continuar consumindo os produtos ingleses: foi a vitória da inteligência espiritual sobre a inteligência racional.

A Verdade sempre foi a bandeira de Mohandas Gandhi, tanto que, na sua autobiografia, confessa falhas morais que teve que vencer na sua própria vida, o que apenas Santo Agostinho, Teresa de Ávila e alguns poucos fizeram em toda a História da humanidade, ou seja, o auto desnudamento moral: somente os grandes Espíritos têm coragem e hombridade para isso.

O Amor à Verdade!

3 – NÃO VIOLÊNCIA

Um homem que Ama muito vence o ódio de milhões: assim pensou e viveu Mohandas Gandhi.

Quem pensa que não era um Espírito agressivo está totalmente enganado, sendo que evitaremos narrar um episódio do qual participou como protagonista de atitude violenta, mas domou seus ímpetos à custa de muito esforço e preferiu, no final da sua reencarnação, ser sacrificado a concordar com a agressividade e a desunião.

Esta é a grande mensagem de Gandhi: domar suas más inclinações, pacificando-se primeiro, para, somente depois, convencer os outros ao pacifismo.

CAPÍTULO VI – AS LIÇÕES DE CHICO XAVIER

Algum dia ainda se escreverá a verdadeira biografia de Chico Xavier, contada pelo mundo espiritual e não por biógrafos, que não tiveram condições de saber das suas realizações no campo puramente mental, ao lado de Emmanuel.

Então, saber-se-á da força mental, que pode ser chamada de poder mental no Bem.

1-AMOR A DEUS

Chico Xavier nunca se revoltou contra as condições sacrificiais em que viveu, desde o nascimento até a desencarnação.

Sua amiga Nena Galves retrata, em dois livros biográficos, determinadas situações pouco conhecidas das pessoas em geral, que vale a pena conhecer, a fim de aquilatar-se da grandeza desse missionário de Jesus no século XX.

Seu Amor a Deus ultrapassa, de muito, o que se conhece no meio terrestre, principalmente pela sua submissão à Vontade de Deus, numa vida de sofrimentos físicos de grande porte, a pobreza material, a incompreensão dos próprios correligionários, a ingratidão de muitos e o endeusamento dos interesseiros.

2- AUTO AMOR

Chico investiu no auto aprimoramento espiritual como raros o têm feito na Terra e, como dito, algum dia será escrita sua verdadeira biografia, contada do lado espiritual.

Quantos desviados encaminhou para o Bem, quantos socorros nas Trevas, quanta luta interior para exemplificar as virtudes!

Isso é o Auto Amor!

3-AMOR UNIVERSAL

Chico conversava com os animais, com os vegetais e com a própria Terra: eis aí o Amor Universal, sem contar a atenção que tinha para com todos os seres humanos!

Amor Universal é apenas descer do pedestal do orgulho e Amar a todos os seres criados por Deus, sem barreiras e ilimitadamente!

4 – MEDIUNIDADE COM JESUS

Não foi a psicografia, como sempre dizemos, a tarefa mais importante de Chico Xavier, mas sim suas realizações na área mental, juntamente com Emmanuel.

As atividades na Mentalização, no desdobramento e outras ligadas ao puro trabalho espiritual valem muito mais que toda a literatura que produziu, em conjugação com escritores espirituais.

Aprendamos a entender essas realidades, pois, se não, continuaremos como os contemporâneos de Jesus, que o viram com os olhos, mas quase nada entenderam do que Ele veio ensinar!

FIM